

**Universidade Estadual Paulista – Assis**

**Programa de Pós-graduação em Psicologia**

**Defesa de tese de Doutorado Livia Gonsalves Toledo**

**Orientador Prof Dr Fernando Silva Teixeira-Filho**

**Título: “Será que eu tô gostando de mulher?” Tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista”**

**15 de janeiro de 2013**

**Arguição de Miriam Grossi (UFSC)**

### **Introdução**

Agradeço o convite de Livia e Fernando para estar nesta banca. Tive o prazer de avaliar este trabalho em sua etapa de qualificação, há alguns meses atrás e é com a grata satisfação que li esta tese. Sem dúvida é um trabalho de peso. Traz importante contribuição teórica e análise da questão das lesbianidades no Brasil contemporâneo, um tema praticamente invisível na literatura do campo de estudos de gênero no país. Invisibilidade teórica que reflete a própria invisibilidade das praticas afetivas das mulheres que como Livia nomeia, são “dissidentes sexuais”.

Como a qualificação já antevia, esta tese é um trabalho de peso, refletido nas 434 paginas de texto e bibliografia. No caso deste trabalho não podemos lamentar que “já não se fazem teses como antigamente”, pois sem dúvida é uma das teses “das antigas”, no que diz respeito ao tamanho, à qualidade do texto, da revisão teórica e da originalidade dos dados apresentados. E mais, uma “tese das antigas” feita nos moldes de formação e prazos acadêmicos dos “novos tempos”. Sem dúvida, esta tese reflete também a densidade e qualidade da formação deste programa de pós-graduação e do grupo de pesquisa coordenado por teu orientador em parceria com Willian Siqueira Perez, que ousadamente trouxeram a temática das homo-transsexualidades como campo de estudos para esta universidade, Destaco também Aprendi imensamente na leitura deste texto , denso, bem escrito e ousado em suas análises. Parabéns Livia e Fernando por terem realizado este importante trabalho para a área de gênero e sexualidade no Brasil.

Como não é possível dialogar sobre todas as contribuições propostas por este trabalho, no tempo que me cabe, me deterei em apenas duas grandes questões: a homofobia familiar e escolar que aparece nas trajetórias e a temática da “masculinidade” como constituinte da dissidência homoerótica feminina.

Começarei com minha síntese de tua tese, mostrando o que ficou para mim de mais importante de teu trabalho e depois discutirei contigo questões metodológicas sobre tua aproximação com o campo estudado e no plano teórico refletirei sobre o que tuas análises sobre desejo dizem respeito ao contexto histórico do inicio do século XXI no Brasil e no mundo.

### **Síntese da tese**

A tese apresentada está divididas em Introdução, Metodologia e cinco capítulos. O trabalho visa entender como se constrói a lesbianidade na contemporaneidade, a partir da análise de 9 narrativas de vida, de mulheres que se reconhecem no desejo por outras mulheres, mas não necessariamente se identificam na categoria política “lésbica”. A autora fundamenta seu trabalho no dialogo com dois grandes campos conceituais: as teorias pós-estruturalistas e

queer nos estudos de gênero e sexualidade, que partem de Foucault e os estudos no campo psi que seguem as correntes rizomáticas propostas por Deleuze e Guattari.

A junção teórica destes dois campos em sua análise final é de grande rendimento teórico e permitem uma nova compreensão do campo em estudo, mas também apontam para a possibilidade de maior aproximação entre campos teóricos distintos e ainda com pouca articulação conceitual no Brasil.

Destaco também que a tese se coloca claramente em uma linhagem inovadora e original, no campo dos estudos psi no Brasil, seguindo os trabalhos de sua equipe de pesquisa e professores da UNESP-Assis e da linhagem de Donna Haraway construída e divulgada no Brasil por Sandra Azeredo, com quem temos o prazer de dialogar nesta banca.

### **Questões metodológicas – A escuta da experiência**

Como já te disse em tua qualificação, creio que uma das grandes qualidades de tua tese, foi a de ter escutado “lésbicas” (e aqui estou usando uma categoria política) do interior de São Paulo. Tua escuta destas mulheres que vivem longe das grandes capitais e centros hegemônicos mundiais, onde as temáticas LGBT já fazem parte do cenário urbano e comportamental, nos ajuda a entender que homo e transexualidades são experiências de subjetivação presentes em todos os lugares do Brasil.

Tua tese nos faz pensar na temática das homofobias familiar e escolar. Creio que os temas que abordas, das dificuldades dos pais de aceitarem a homossexualidade das filhas, das agressões e até violências vividas por todas elas na experiência escolar, são temas recorrentes e universais na experiência de mulheres lésbicas brasileiras. A qualidade de teu trabalho é de dar visibilidade, explicitar em texto, o que é vivido no silêncio, raramente compartilhado, porque envolve as pessoas que queremos tão bem, como nossos familiares.

Teu trabalho aponta também para as particularidades de ser lesbica neste momento histórico. Está em jogo aqui a questão geracional, ligada também à questão familiar e desejo de maternidade, que tão bem relatas em teu trabalho.

### **O masculino como marca da dissidência**

#### **Brinquedos e jogos**

Uma das questões com a qual gostaria de dialogar mais detalhadamente é a da articulação entre o que eu chamo de *papéis de gênero com a orientação sexual* e que na tese é definido como de *tecnologias de gênero e dissidência sexual* mas creio que são o mesmo.

Ou seja, estás mostrando que antes mesmo de tuas sujeitas se reconhecerem como mulheres que gostam de mulheres, elas já são reconhecidas como dissidentes da heteronormatividade, por se permitirem brincar com brinquedos considerados masculinos e jogos e brincadeiras do outro gênero. Esta questão me parece uma das grandes contribuições teóricas de teu tese pois consegues aprofundar um tópico que via de regra é visto como “contingência”, ou seja os papéis de gênero associados à socialização infantil.

Mostras que, pelo contrário, **a normatização dos papéis de gênero na infância**, dadas por estas brincadeiras, adquire uma dupla forma: a de “tornar abjetos” os desejos de socialização e prazer do jogo infantil, que pela mera escolha/experimentação, se tornam “estigmas” e “determinações” da orientação sexual.

Como bens descreves e analisas, muito antes de “gostar de mulheres” tuas interlocutoras já gostavam de “coisas masculinas” e haviam sido nomeadas como dissidentes. A “orientação sexual” vem depois e é então que tuas interlocutoras descobrem a “verdade” das “ofensas” como “sapatão” “Maria-João” e outras que escutaram quando crianças como acusação e tentativas de normatização de suas brincadeiras de identificação com o feminino. Neste mesmo sentido tua análise de que é na identificação com o “masculino” que se dá pelos brinquedos e depois na pratica de determinados esportes como o futebol, que vai também permitir e autorizar a “potencia do desejo” ou seja, é o masculino com toda sua capacidade social de reconhecimento, de força, que paradoxalmente autoriza e habilita estas mulheres no “gostar de mulher”. Trata-se de uma formulação complexa teoricamente mas também poderosa politicamente.

### **Masculinidades Femininas**

Eu penso que esta é uma reflexão de grande rendimento teórico e sugiro que continues aprofundando ela no dialogo mais intenso com autoras como Judith Halberstan que têm trabalhado sobre masculinidades femininas, mostrando como lesbianidades butch e transmasculinidades exercem um lugar de referencia importante nas identidades e praticas lesbicas contemporâneas norte-americanas. Halberstan e outras têm mostrado o potencial inovador destas buscas identitárias que também são marcadas por articulações masculino/feminino como paradigmas de complementaridade e transformação. Nas historias em pauta, a masculinidade que reconheces em tuas interlocutoras, parece estar mais marcada por “papéis”, “atitudes”, “comportamentos”. Seria isto uma particularidade da vivência homoerótica neste universo estudado? Teriamos no Brasil outras formas de viver as lesbianidades de forma menos marcada por este binarismo masculino-feminino dado também pela transexualidade masculina? Como vêes esta questão nos casais que acompanhas?

### **Politica e produção de conhecimento**

Senti falta, todavia, na escuta deste grupo de mulheres, de outros campos de reconhecimento “masculino” onde provavelmente também podem se fortalecer estas dissidências sexuais. Por exemplo, **no campo da política**, seja em movimentos sociais autônomos como no próprio movimento LGBT como em associações, sindicatos, agrupamentos político-partidários, que é um campo poderoso de construção de masculinidade hegemônica.

Não por acaso Dilma, nossa presidenta, é frequentemente acusada e representada como “macho” por ser “dura”, representação que também é seguidamente atenuada por reportagens com sua mãe, filha e neto e por uma incrível matéria na Folha de São Paulo com seu ex-marido, Carlos Araujo, na qual reforçava seu amor por ela, sua beleza juvenil e sua feminilidade enquanto mãe e cuidadora expressa também em políticas publicas como bolsa família e mãe cegonha.

Ou ainda no campo da **produção artística ou científica**, campos tradicionalmente destinados e ocupados pelos homens e fortemente discriminado para as mulheres. Tu mesmo, defendendo aqui esta tese e todas nós, mulheres aqui presentes, somos fruto desta “dissidência” produzida por mulheres de duas ou três gerações anteriores à nossa. Como bens sabes, as mulheres só puderam entrar nas universidades no século XX e se pegamos os indicadores do CNPq vemos que os homens ainda são maioria nos extratos mais altos da carreira, como o de pesquisador IA. Talvez se tenha falado pouco do lugar, invisível mas certamente

numericamente significativo de mulheres dissidentes da heterossexualidade nos espaços de reconhecimento e poder científico. Não por acaso também no campo conhecido como “Gênero e Ciências” a ênfase tem prevalecido sobre a “articulação maternidade e carreira” que é também um dado que fala de um momento, já superado, da exclusão da maternidade de mulheres lésbicas, que já aparece como um desejo e uma demanda bastante presente em teu universo de jovens em fase reprodutiva.

### **Anna Freud e dissidência sexual**

Neste sentido, para finalizar, eu gostaria de apontar para a atualidade das questões lésbicas no campo da psicanálise, pela recente leitura de um artigo da psicanalista francesa Annie Fortems, publicado na revista eletrônica Rue 89 intitulado *Tabou : la famille homoparentale de la fille de Freud* . Neste artigo de grande divulgação, num momento onde a França se debate entre posições pró e contra casamento e paternidade/maternidade de casais do mesmo sexo. Fortems retoma neste artigo, a informação muitas vezes negada no meio psicanalítico de que Anna Freud viveu uma relação afetiva com a psicanalista norte-americana Dorothy Burlingham, uma das ricas herdeiras da Tiffanys, com a qual dividiu moradia e a criação de seus 4 filhos. Foi, aliás, através da psicanálise de um dos 4 filhos de Dorothy, que Anna se aproximou da mãe, vindo como muitas pessoas do mundo todo, nos anos 1930 fazer psicanálise e estudar com Freud, no período que antecedeu a primeira guerra mundial. Sem dúvida não é uma revelação para quem leu Elisabeth Roudinesco e outras pesquisadoras da história da psicanálise mas o que é novo é a publicação das cartas de Freud à Anna, nas quais ele mesmo reconhece a família homoparental de sua filha com Dorothy, desfazendo a cortina de fumaça jogada pelos psicanalistas da IPA sobre a vivência lésbica da filha de Freud, que como sabemos foi uma das principais bastiãs da obra freudiana. Sem dúvida, a explicitação deste segredo de polichinelo nos meios psicanalíticos reflete o mesmo que Livia nos traz nesta tese, de que afeto, vivência e dissidência sexual de “mulheres que gostam de mulheres” não é algo novo mas que são as condições históricas de vivência do desejo que nos permitem reconhecer e compreender a potência do desejo entre mulheres como parte das transformações positivas da contemporaneidade.

Finalizo portanto minha argüição te parabenizando mais uma vez e desejando que continues neste campo de investigação em tua promissora carreira acadêmica.